

O papel da Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia na formação de leitores nos cursos de nível médio

**Danielle Silva Souza – Pbic Junior – IFG/Goiânia
João Gabriel Oliveira – Pvic Junior – IFG/Goiânia
Ms. Deusa Castro Barros – Orientadora – IFG/Goiânia**

Resumo

Neste trabalho apresentamos as ações desenvolvidas e os resultados alcançados no mapeamento e descrição da atuação da Biblioteca do IFG na formação de leitores de obras literárias nos cursos de nível médio integrados (Ensino Médio e Curso técnico). Para tanto, levamos em conta a relevância da Leitura Literária na formação humana em geral e social, tomando como base as pesquisas dos Estudos Literários modernos e contemporâneos, bem como as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

A proposição da pesquisa objetivou, a priori, investigar como a Biblioteca do IFG contribui para a formação do leitor nessa instituição, mapeamos os problemas através de entrevistas com a comunidade escolar sobre o seu relacionamento com a biblioteca. Para tanto, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, no campo de investigação da sociologia da leitura a fim de discutir e descobrir em entrevistas e na aplicação de questionários com alunos dos cursos do IFG, que leitura fazem esses leitores e porque a fazem, quais livros são lidos por eles, que tipo de relação tem esses sujeitos com a leitura e a escrita, especialmente com a obra literária, e buscamos fomentar encaminhamentos que permitam uma melhor utilização de tal espaço na perspectiva da formação do leitor e da garantia de acesso a obras literárias.

Em leituras realizadas na etapa de fundamentação teórica, observamos que o propósito básico da biblioteca escolar é de constituir o centro de leitura e orientação de estudos de alunos e ex-alunos, além de funcionar como espaço de consulta e estudos de docentes e demais servidores da escola. Ademais, a biblioteca deve ampliar conhecimentos, fornecer cultura, material e ambiente aos alunos e professores, mas, segundo Ezequiel Theodoro Fonseca (2003), para que isso aconteça é preciso um trabalho conjunto entre o bibliotecário e o professor. Em consonância com tal visão, Andréa Kluge Pereira (2006) afirma que a biblioteca não deve apenas armazenar os livros, mas sim servir de espaço para a leitura e interação de conhecimentos, ou seja para a troca de experiências dos leitores.

Sintetizando as concepções teóricas da pesquisa, cabe ressaltar o que propõe as Orientações Curriculares para o Ensino Médio: qualquer que seja a concepção que se tenha, como prática escolar, a leitura passa por processos de pedagogização, que exige um constantemente diagnóstico dos interesses dos alunos, considerando a heterogeneidade dos leitores e a multiplicidade de obras literárias que lhes podem ser indicadas pois, um dos trabalhos da escola com a leitura é conseguir, gradativamente, a transformação do hábito de ler num

comportamento de leitura que perdurará mesmo quando esses alunos concluírem seu curso (BRASIL, 2002).

Mas, no caso da biblioteca do Instituto Federal de Goiás, a situação está longe da ideal. Apesar das obras disponibilizadas, a biblioteca do IFG não tem atuado eficientemente no papel de formadora de leitores pois, mesmo ciente de que esse papel deve ser desenvolvido, as ações não são realizadas em função das limitações que têm sido impostas, especialmente a falta de recursos, tanto tecnológicos, quanto humanos.

Ao longo da pesquisa, elaboramos e aplicamos um questionário piloto, com um corpus reduzido. Os dados foram tabulados e interpretados, e a partir disso foi criado um questionário final, com um corpus maior e mais abrangente. No total, foram entrevistados 88 alunos, 27 professores e 19 funcionários de diversos departamentos, além do coordenador da biblioteca do instituto, para sabermos seu posicionamento do mesmo e compararmos com a situação descrita pelos outros entrevistados. Os questionários aplicados para professores e alunos nos permitiram avaliar os interesses e dificuldades na leitura literária realizada por alunos, professores e funcionários, bem como a frequência de visita à biblioteca e as críticas e sugestões de tais sujeitos em relação ao acervo e às ações desenvolvidas pela Biblioteca do IFG.

De acordo com os dados coletados, os discentes são os que mais utilizam a biblioteca do IFG principalmente para locação de livros, pesquisas locais e estudos individuais ou em grupo, mas a leitura literária não é frequentemente realizada no espaço da biblioteca. A frequência de locação de livros pelos alunos é mediana: apenas 43% dos alunos pegam livros da biblioteca e, desses, 34,5% locam mensalmente.

Os professores são os que menos frequentam a biblioteca do IFG; 29,6% a visitam mensalmente e 25% não visitam a biblioteca, apenas 14,8% visitam semanalmente, e os servidores são os que afirmaram frequentar mais a biblioteca, a maior parte dos entrevistados, 36,6%, visita semanalmente, em compensação, são os que menos lêem.

Para Ezequiel Theodoro, a biblioteca deve estar sob a responsabilidade de todos que a usam, mas primeiramente de dois profissionais: o professor e o bibliotecário, mas como mostram os dados e a resposta do coordenador da biblioteca do IFG, essa interação praticamente não existe, o contato que é feito entre esses profissionais é indireto e apenas no momento de sugestão bibliográfica, não há outros projetos de incentivo a leitura em parceria com as coordenações dos cursos técnicos integrados, além do Sarau literário, que é uma parceria entre a Coordenação de Linguagens (Oficina de Literatura) e a biblioteca. Deste modo, infelizmente a biblioteca do IFG tem se tornado apenas um espaço de locação de livros e realização de tarefas, não desempenhando totalmente o seu papel de formação de leitores.

Porém, a formação do leitor não é responsabilidade total da biblioteca, pois ela é o recurso pelo qual o professor forma leitores, seja da área de linguagens ou não. Mas até que ponto os professores tem contribuído na formação de um leitor crítico, com um olhar diferente de mundo? 97,5% dos professores entrevistados afirmaram preferir livros de autores contemporâneos, e

apenas 0,9% autores clássicos e uma média de 0,4% outros gêneros, considerando que para formar um leitor crítico, capaz de escolher as melhores leituras, é necessário a apresentação de um leque diversificado leituras, que vão dos romances clássicos aos contemporâneos e outros gêneros, a escolha desses professores é de certo modo, singular demais para docentes de um instituto federal, e a mesma com certeza influencia na indicação de leitura dada aos alunos, já que 55,6% indicam, e acabam influenciando também a preferência dos discentes, que apesar de ter se mostrado bem diversificada, tem seus maiores números no gênero contemporâneo, 37,3%, seguido pelo clássico, 22,4%.

Alem dessas questões, as leituras indicadas pelos professores tem sido principalmente para avaliação do aluno e atribuição de notas, segundo mostram as respostas dos alunos e professores, 55,6% dos alunos afirmam que o professor de língua portuguesa demonstra a importância da literatura, 33,9% marcaram que o mesmo aplica avaliações escritas como fichamentos e resenhas, 30% aplicam provas objetivas ou subjetivas sobre a leitura feita, e 34,4% dos professores afirmam usar esses métodos para avaliação. Assim a leitura literária torna-se uma atividade muitas vezes obrigatória, não proporcionando prazer apesar de ampliar os conhecimentos; e para 67,3% dos alunos, proporcionar prazer além de ampliar conhecimentos de mundo, é o mais importante da leitura.

No que diz respeito aos aspectos materiais e tecnológicos, em entrevista realizada junto aos funcionários da Biblioteca, foi observado que a mesma não dispõe de um software adequado para consulta do acervo: o sistema utilizado foi desenvolvido pela instituição sem a parceria com um analista de sistemas ou um bibliotecário e por isso não possui os formatos e protocolos adequados e portanto não atende às exigências que segundo, Buckland (1992), são essenciais em um sistema de uma biblioteca.

Também detectamos que não há interação entre a biblioteca e professores, em parte pela falta de espaço de diálogo entre os mesmos, em parte pela falta de projetos de integração que poderiam ser desenvolvidos de ambos os lados.

Considerando o corpo de funcionários, hoje a Biblioteca do IFG conta com três bibliotecários apenas, um para cuidar dos processos e os outros para a parte técnica, deixando assim, as questões culturais e de comunicação sem assistência ou apoio. A biblioteca é ciente disto mas fica de mãos atadas devido a falta de recursos humanos.

Do outro lado, observa-se que há uma falta de procura dos professores, de várias áreas, pela biblioteca e o que ela pode oferecer. Muitos recursos, como livros e revistas, ficam ociosos no espaço da biblioteca pela falta de procura pelos alunos que, muitas vezes, sequer sabem de tais recursos. Caberia, portanto, aos professores, tomarem conhecimento dos materiais disponibilizados para divulgar entre os alunos dos diversos cursos. A biblioteca também tem pouca voz na instituição, seus meios de comunicação são limitados o que gera a falta de informação para o público alvo, alunos, servidores e professores.

A guisa de conclusão, com base nos dados coletados e utilizando o conhecimento teórico adquirido, tornou-se possível fazer a interpretação do problema pesquisado, pois com o mapeamento da leitura dos alunos, professores e funcionários e a comparação entre as exigências do ensino com a realidade da biblioteca do IFG, realizamos o levantamento de questões cruciais que permitem um melhor planejamento e incentivo para as ações de Letramento Literário do Instituto, em especial do investimento feito em livros, da relação entre professor e biblioteca, para que de fato a biblioteca atue como difusora do conhecimento e como centro de formação de leitores.

Por fim queremos ressaltar, citando Luiz Percival Britto (in SOUZA, 2009), que deve-se inverter a lógica de que “leitura gera conhecimento”, para “conhecimento gera leitura”, o que dá a escola, e especialmente à biblioteca escolar, o papel de “oferecer objetos culturais além daqueles cotidianos, da cultura de massa, a fim de não se submeter à lógica da literatura como entretenimento descomprometido”. Nesse sentido, a biblioteca pode se tornar um espaço de estudo e acesso ao conhecimento elaborado pela tradição ocidental, ou seja, às obras de referência da Literatura Brasileira e mundial.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. – Brasília: MEC; SEMTEC, 2002

BUCKLAND, Michael. **Redesigning library services: a manifesto**. Chicago: American Library Association, 1992.

CAFE, Lígia; SANTOS, Christophe Dos; MACEDO, Flávia. **Proposta de um método para escolha de software de automação de bibliotecas**. Brasília, v. 30, n. 2, p. 70-79, maio/ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652001000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 de Maio de 2011.

CHARTIER, A-M. e HEBRARD, J. Discursos sobre a leitura – 1880-1980. São Paulo: Ática, 1995.

PEREIRA, Andréa Kluge. **A biblioteca na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOUZA, R.J. (org.) Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

ZILBERMAN, R. (org.). **Leitura em crise na escola: alternativas do professor**. 4ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, R. e SILVA E. T. da. **Literatura e pedagogia: Ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.